

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

-A FÁBRICA DE SUJEITOS-
A Disciplina na Educação

CLÊNIO DA SILVA SANTOS

CAMPINA GRANDE-PB

2003

CLÊNIO DA SILVA SANTOS

**-A FÁBRICA DE SUJEITOS-
A Disciplina na Educação**

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Campina Grande em cumprimento às exigências acadêmicas para a obtenção do título de Licenciado em História no ano de 2003.

Orientador: Prof^o Dr. Durval Muniz de Albuquerque jr.

CAMPINA GRANDE-PB

2003

CLÊNIO DA SILVA SANTOS

**-A FÁBRICA DE SUJEITOS-
A Disciplina na Educação**

PARECER DO ORIENTADOR:

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque jr.

CAMPINA GRANDE-PB

2003



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

Dedico esse trabalho a minha família (minha ilha) e a min, é claro.

**“ Esses que aí estão
atravancando meu caminho,
eles passarão...eu passarinho.
(Mário Quintana)**

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	06
CAPÍTULO I: A Maquinaria do Silêncio: Murmúrios de Poder	09
O Olhar Esmiuçante	12
O Olhar Hierárquico (O professor)	13
A Normatização.....	15
A Prova (O exame).....	18
CAPÍTULO II: Ordem e Contra-ordem da Formação de Identidades.....	20
CAPÍTULO III: O Reflexo no Espelho: Que Educação é Essa?	25
O Espelho.....	25
A Educação	27
BILBLIOGRAFIA	31

-AGRADECIMENTOS-

- A DEUS pela esperança.
- A Minha Família: Meu pai Alcides (espelho),minha Mãe Conceição (doçura) e meu irmão Alcione(fidelidade). Vocês são meu esconderijo. Ilhas para onde posso fugir quando me sinto estranho.Obrigado.
- A meu orientador Durval pela insistência, pela inteligência e pelo Nordeste. Sem- pre soube que poderia contar contigo.Obrigado meu Amigo. Pelos momentos em que assassinamos o olhar hierárquico.
- E a esses amigos tão importantes para minha formação é a eles que agradeço por chegar inteiro até aqui: Alcione Laurentino (pelo ombro, obrigado irmão você é o cara mais importante do mundo),a Sidney Alves(pelo coração e pelo Computador),a Roberval Almeida(pela força),a Ricardo José(pela cumplicidade),a Juliano Castro(pela afilhada: Clarice),a pantcho(pela simplicidade na nossa amizade),a Miro (pelas palavras de incentivo),a Raul (pelo Orientalismo),a Diego e David (pelo Profissionalismo),a Renato (pelo ron montila),a genilda (minha fiel amiga na Academia),a graça (pela torcida),a os professores Nilda e Celso (vocês foram o diferencial),a Didi (pela força),a Dinho e Deí (pela expectativa),a Thiago e Júnior(meus alunos pela força),a Aline (pela Revolução),a Ana Paula(pelo platonismo),a Roberta (pela alegria),as meninas Shirley,Kaliana e Geórgia (pela torcida),a Jackeline (Jack Tequila, pela torcida),a todos os meus primos(que são milhares),a meu avô Avelino(meu sindicalista preferido..que Deus cuide bem do senhor vovô),vovô Chiquinho(“..o sertanejo é antes de tudo um forte”),a vovó Nega(que saudade da Senhora vovó),a vovó Rita (a última das Matriarcas: eu amo a Senhora vovó.),a todos os meus colegas de trabalho tanto no hospital quanto no Colégio,a todas as namoradas do passado e as do futuro, a Alex (valeu amigo),a Sabrina (minha prima/irmã),a Vânia (minha Irmã), Júlio César (pelas cachaças),a Nietzsche,a Anibal Barca (meu cachorro ..onde está você amigo?),a Jim Morisson,a Valdemir(pela amizade)a Renato russo,Gessinger,Ouro preto,a Mário Quintana,Drumond, Liminha(Cordel do Fogo Encantado),Backunin,Foucault,ao Homem Aranha,a Neto ,Hellosman e Rodrigo (pelas orações), Alfredo Veiga-Neto,a todos os Tumbas(pelo sangue quente)e a todos os Laurentinos pela vontade de saber,e a todos que aqui não foram lembrados.Obrigado.

APRESENTAÇÃO

“Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?”

Essa pergunta abre o livro “Imagens de Foucault e Dileuze” *ressonâncias nietzschianas* organizado por Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi e Alfredo Veiga Neto; e cabe muito bem para a proposta que se inicia agora. No ano de 2002 me matriculei na disciplina Metodologia de Ensino em História e por ocasião desta apresentei um seminário sobre a terceira parte do livro de Foucault “Vigiar e Punir” intitulada Disciplina, nesse trabalho discuti o papel do adestramento no ensino e na escola. Ali começara o que viria a se configurar mais tarde como o trabalho que proponho agora. Minhas dúvidas estão mais ou menos perto da sugestão de Foucault de uma problematização que nos inclua, de se colocar em xeque questões nossas, que façam parte de nossas trilhas. E trabalhar a idéia de Disciplina no âmbito da educação me instigava muito desde que me iniciei na Academia. Ordens deslocadas com lampejos de abusos, notas questionáveis, cadeiras obrigatórias ou optativas... e outras determinações que agora se dispersam em minha memória fazem parte dos grupos de razões que me levaram a me arriscar a escrever estas linhas.

A pergunta: “que estamos ajudando a fazer de nós mesmos”? nos remete a dois lugares habitados por nós: Um de sujeição e outro de cumplicidade. Na educação esse lugar de sujeição se personifica na rede arrojada de olhares sob o ensino. Tudo se submete, se utiliza, se transforma e se aperfeiçoa através de minuciosas técnicas de regências. Essas técnicas codificam e esquadrinham os espaços, os movimentos e o tempo. A sujeição entra em cena a todo momento, por exemplo quando não nos percebemos dentro dela, ou quando nós nos percebemos dentro dela mas não fazemos muita coisa pra modificar a situação ou pelo menos questiona-la. Nos sujeitamos talvez por imaginar que tudo aquilo seja comum ou seja normal. Ignorância? Eu diria comodidade. É muito mais fácil e menos dolorido obedecermos as regras. É aqui que o outro lugar se manifesta o de cumplicidade. Somos cúmplices quando nos constituímos em parte de toda essa maquinaria, quando nos assemelhamos e muitas vezes quando nos confundimos ou somos confundidos com todas as técnicas e métodos que nos cercam.

A proposta de se analisar os processos disciplinares como prováveis fabricantes de subjetividades e identidades tenta ultrapassar o enorme abismo maniqueísta de um mundo bom e perfeito em detrimento de um outro cheio de erros e defeitos. Para tanto não me propus oferecer aqui outro universo para a educação. Se conseguirmos questionar essa grade (todo o aparato disciplinar) que hoje nos é imposta sem nos prendermos a tantas certezas ou verdades (que facilmente encontraremos no caminho a se oferecer) acredito que seguiremos, por enquanto, o melhor itinerário. Já que o mundo moderno transborda de certezas que não nos resolve, tentemos outros atalhos no intuito de colocarmos em espaço de tensão algumas questões pertinentes que se propõem serem eternas. Os horizontes destas linhas que despontam agora, pelem nessas questões na tentativa de encontrar portas de entrada ou de saída numa releitura para uma “outra” educação. A tentativa é de perceber a “realidade” com olhos outro, pelos quais ainda não vimos. Olhos de cegos que sem ver imaginam como são.

Na primeira parte deste trabalho estão as questões lançadas por Foucault no seu livro “Vigiar e Punir” principalmente na terceira parte desta obra intitulada “Disciplina”. A discussão de Foucault ali é em torno de como se apresenta e se organiza a disciplina na educação (escola), nos processos penais (prisões) e nos sistemas de saúde (hospitais). Aqui nos coube conversar com essas análises (principalmente relacionadas a educação) logo no primeiro capítulo, de forma a termos nos outros dois capítulos alicerces e bases para nossas observações. Os recursos para um bom adestramento serão aqui levados em questão (ou serão a questão). O olhar do professor como um lugar que agencia e produz potência poderá aqui ser capturado e problematizado.

As sanções normatizadoras que em silêncio invadem a experiência e a singularidade dos disciplinados nos levaram a outras discussões. Para finalizar a primeira parte do trabalho analisaremos o papel do Exame no contexto escolar. Esses três primeiros momentos de certa forma nos levarão a imagens de corpos governáveis que subordinadamente e cumplicemente agem e mudam de cor, de forma e de tom conforme os gritos do interfone disciplinar.

Na segunda parte do trabalho discutirei as subjetividades que se gestam entre esses dois lugares: “disciplina e indisciplina”. Quais as características que comumente distinguem essas duas nomeclaturas, que caminhos (ou atalhos) levam um ser disciplinado a ser escrito como tal e quais desvios arremessam o indivíduo para a acricia (ou a não governamentalidade). A pluralidade desses lugares nos ajudarão a perceber o que leva (que veículo) um indivíduo num, determinado evento ser um “monstro” ou ser “ciborgue” como

diria James Donald no seu livro *A pedagogia dos Monstros*. A discussão ,brevemente visitará a questão da liberdade e seus riscos de aplicação nesse contexto disciplinar. Por fim trataremos de conversar a respeito do resultado final de toda essa disciplinarização: "o sujeito educado". Que tipo de educação se espera e que tipo de educação temos ao final, entenda-se por "final" o que a própria disciplina designa : o termino do período escolar. Essa discussão nos ajudará a perceber entre outras coisas o próprio sentido e o contra-sentido da disciplina. Toda essa maquinaria quando esquadrinha tem um objetivo: multiplicar as forças do ser esquadrinhado. O que quero saber é como essas forças multiplicadas e aumentadas em potência quando chegam ao outro lado da ponte esboçam fisionomia. Que cara tem a educação, eu digo educação no sentido de aprendizado adquirido. No que nós nos tornamos depois de obedecer (querendo ou não) toda essa mecânica de poder?

Minha preocupação ao escrever estas linhas é ter acesso a um olhar mais distanciado do objeto observado Percebendo os movimentos alternados e constantes desses métodos disciplinares. Volto a insistir que isso nada tem que ver com a criação de outro lugar "perfeito" e sem erros para a educação mesmo porque excluir os erros ,ou melhor exterminá-los, seria se achar por demais portador da verdade. A Proposta do trabalho limita-se em questionar essa estrutura que nos envolve desde os nossos primeiros dias de jardim de infância até os nossos maiores vãos intelectuais. Insisto nessa tecla pois no mesmo seminário em que nasceu as indagações que agora vos apresento um colega do curso de história ao final disparou esta pérola: "não vá se querer agora que, de uma hora pra outra a disciplina e seus processos sejam extintos, não é?!". O meu trabalho passa longe disso (pelo menos por enquanto) esperando pelo menos que ao final tenhamos um material necessário para outras propostas dentro do mesmo universo. Discutamos então toda essa engrenagem que tem sido incorporada ao ensino, num movimento perpétuo onde indivíduos substituem uns aos outros num espaço escondido e vivo.

-I CAPÍTULO-

A maquinaria do Silêncio: murmúrios de poder

Disciplina- st-1- Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. 2. ordem que convém bom funcionamento de uma organização. 3. Relação de subordinação do aluno ao mestre. 4. Submissão a um regulamento. 5. qualquer ramo do conhecimento. 6. matéria de ensino

Disciplinas- sf - pl.- Correias com que frades e devotos se flagelam por penitência ou castigo.¹

Dia de avaliação no colégio privado de uma pequena cidade do interior. Aula de redação. Um garoto entre tantos daquela sala de aula se prepara para dissertar sobre o tema indicado: racismo. A redação vale a nota máxima: 10.0; e é a segunda nota do segundo bimestre e decidirá a nota geral. O professor dispara: “quero brancos, negros e pardos escrevendo sob sua relação com o racismo”. O garoto que havia se preparado bem, fala de uma África como o provável berço da humanidade e de um “Mundo Ocidental” como lugar fundante da cultura da diferença. “Muito boa sua idéia, meu garoto, mas receio que você tenha se distanciado um pouco do foco da discussão, a idéia era falar sobre como negros, brancos e mestiços reagem ao racismo presente todo dia, toda hora em nossas vidas”. Essa é a observação do professor. Pela segunda vez o garoto tira a nota cinco (5.0) em avaliações no bimestre. Resultado: sua média bimestral é cinco. No dia seguinte à divulgação dos resultados

¹ BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. Ed. rev. e atual. São Paulo: FTD, 2000.

o garoto é aconselhado a participar das aulas de reforço que acontecem aos sábados e aos domingos. a idéia é que ele se aproxime das famosas notas medianas. Seu comportamento em grupo, além do mais requer atenção; ele é calado em demasia, disperso, quase isolado.

Esse pequeno conto é o nosso ponto de partida ou talvez a nossa “cobaia de laboratório” na qual faremos experimentos; nele também tentaremos buscar o material necessário para exemplificar o problema trabalhado. Então vejamos o que temos aqui: um professor (consideremos seu esforço em realizar um trabalho de qualidade), vários alunos (consideremos também a vontade desses discípulos em serem bons discípulos) e um processo no qual todos estão envolvidos. Esse processo nasce quando relaciona esses personagens ao sentido de sua atuação. Então temos a Educação (ou pelo menos seu aparelhamento). Desde que me entendo por “aluno” e como “professor” tenho vivenciado essa Educação que exemplifiquei à cima. Mas só na universidade tive a oportunidade de perceber que essa educação se propõe ser eterna, mesmo tendo sido em algum momento pensada e inventada por alguém.

Pensando um pouco a educação como invenção e também como fabricante de conceitos² temos um emaranhado de caminhos na tentativa de entendê-la. Podemos analisá-la usando como ponto de partida seus personagens, ou podemos visualizá-la através de suas matérias que carregam seus conteúdos ou quem sabe pudéssemos dessecá-la olhando para dentro da grade que a carrega: suas regras. De modo algum qualquer que seja o caminho escolhido teremos uma boa viagem. Pelo contrário teremos uma estrada cheia de névoa, obstáculos e bifurcações. O filósofo Emmanuel Kant já nos advertia:

(...) existem duas invenções humanas que podem ser consideradas mais difíceis que quaisquer outras: A arte do Governo e a arte da Educação; e as pessoas continuam a discutir seu significado.

Encontrar lugares para essas duas invenções sem antes ser dominados por elas é improvável. Antes de conhecermos estas “duas senhoras” elas vêm até nós e nos envolve, nos tem em mãos e nos recria em movimentos contínuos em uma “arte de usar”³. Antes de olhar

² DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. O Que é filosofia? São Paulo : Editora 34, 1997

³ CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. São Paulo: Editora atual, 1999

pra qualquer destas duas mecânicas temos o medo. Sim medo, que compromete todo o nosso olhar. Então decidi analisá-las, entrecruzadas, onde uma se confunde com a outra em balanços sincronizados de agir: A Disciplina. Educação e Governo no uso dos corpos. A Disciplina como veículo de educação e governo⁴ só poderia existir se casos como o citado no início (o do garoto) agora existisse. Aquilo que é “errado” deve ser colocado de volta a seu posto certo. Alfredo Veiga-Neto no seu texto “Incluir para Excluir”⁵ pejeja com essa discussão:

(...) assim o caos é condição necessária a ordem, essa só é ela mesma, isso é, ela só se identifica com ela mesma se for colocada frente a frente com seu outro, que é o caos.”⁶

Então todos os mecanismos disciplinares que em tese fariam a ordem se estabelecer fazem também com que a contra-ordem se mantenha. Só assim ela terá sentido. E é nesse plano que queria iniciar este trabalho: na condição de uma ordem que constrói antes, do seu lugar, um lugar avesso, um lugar contrário. A minha opção é antes, com a ajuda imprescindível de Foucault, desenhar os atos das disciplinas. Analisar a disciplina como ela se mostra ser é antes analisa-la pelo interior de suas máscaras⁷, pelos bastidores de seu espetáculo. Por fim descobrir a sobra: que tipo de sujeito se inventa? Como todo esse detalhamento dos corpos num sistema arrojado e múltiplo de fragmentação se mantém.⁸

4 Veiga-Neto acredita que no campo dos estudos foucaultianos a palavra “governo” seria um vocábulo mais preciso e rigoroso no tratar do gerenciamento dos corpos. Essa palavra não se encontra nos Dicionários.

⁵ Nesse texto Alfredo Veiga-Neto faz uma discussão em torno dos processos de inclusão social que são elaborados para tratar dos famigerados “anormais” (entenda-se por anormais os mais numerosos grupos que a Modernidade vem inventando e multiplicando: os sindrômicos, deficientes, montros e psicopatas em todas as suas variadas tipologias-, os surdos, os cegos, os aleijados, os rebeldes, os pouco inteligentes, os estranhos, os GLS, os ‘outros’, os miseráveis, o refugio em fim como ele mesmo diz.

⁶ VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte. 2001. Pág. 112.

⁷ No seu livro, *Alem do Bem e do Mal*, Nietzsche diz “que todas as coisas grandes, para se inscrever no coração da humanidade com suas eternas exigências, tiveram que antes vagar pela terra como máscaras monstruosas e apavorantes”.

⁸ Logo no início da terceira parte de seu livro “Vigiar e Punir” Michel Foucault trata de como a Disciplina organiza e esquadrinha os corpos

O Olhar Esmiuçante

Em Vigiar e Punir Foucault dizia:

*(...)“a disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu super poderio; é um poder modesto, desconfiado que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades ,procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do estado”.*⁹

Fabricando indivíduos a disciplina se estabelece. Indivíduos competentes/eficientes e indivíduos incompetentes/ineficientes. Como já foi dito esse é seu combustível. É dentro de seus circuitos que estão as técnicas para tal façanha. Nas suas engrenagens estão as fábricas de lugares. Todos os seus passos caminham nesse sentido, usemos como exemplo o momento em qual o garoto do conto supracitado é aconselhado a procurar aulas de reforço. Naquele momento a engrenagem disciplinar toma e dar forma as coisas. Quem procura o “reforço” obrigatoriamente, de certa forma ganha de presente um lugar que por mais que se esforce sempre vai ser lembrado através dele. Quem na sala tem, digamos assim, uma certa facilidade em absorver o conteúdo em questão também recebe um lugar que diferente dos alunos da aula de reforço é bem mais confortável. Certa vez um aluno meu da oitava série do ensino fundamental me perguntou: “professor o senhor também me acha um aluno desligado?”. Já na sala dos professores percebi que outros professores se referiam ao mesmo aluno como sendo um aluno mediano e complicado. Daí vem minhas dúvidas: que critérios são usados para a

⁹ FOUCAULT, Michel. In *Vigiar e Punir: A história da Violência nas prisões*. Petrópolis. Vozes. 1987, 1991. Pág. 143.

elaboração dessas observações à respeito daquele aluno? Em que momento exatamente aquele menino se configura aquilo que se diz dele? E o mais importante: em que momento ele se percebe como tal. Através de qual espelho ele se observa. Na escola a disciplina parece operar a todo instante. É como se por todos os lados o aluno estivesse sendo construído sem interrupções. Lá ele parece se ver através de espelhos que o refletem diferente ou mesmo estranho daquilo que ele acredita ser. É daí que alunos indisciplinados ou disciplinados brotam e logo poderão ser vistos a distância. Um “olhar viciado” começa a lhe vislumbrar como (dependendo de sua atuação no “teatro das disciplinas”) sendo ou não um “bom aluno”.

Facilmente se percebe um aluno “disciplinado”, ele traz em sua imagem os códigos de um ser ordenado, organizado. É ele que se destacará e, em tese, que seguirá em frente, que terá futuro: Universidade, mercado e trabalho etc. São eles as propagandas vivas dos processos que os levaram a serem o que são. Os outros, os indisciplinados estão fadados ao insucesso, ao fracasso, mas nem por isso deixam de ser propaganda, eles são o caos¹⁰, a contra-propaganda, legitimam o lugar da Disciplina.

No conto de entrada desse capítulo um menino que escrevesse sobre um tema fora da norma prevista seria (e foi) reprovado por seu mestre, que trazia as regras do jogo debaixo do braço. E mais: seria aconselhado por seu mestre a procurar auxílio no intuito de, quem sabe com o tempo, alcançar o lugar habitado por seus colegas. Nesse exemplo, salve os exageros, temos um exemplo de como os processos disciplinares agem - desconfiadamente - sob os corpos. No intuito de observar esse “agir” que denuncia suas engrenagens percebamos seus instrumentos de ação, instrumentos¹¹ simples a quem a Disciplina deve seu sucesso.

OLHAR HIERÁRQUICO O (o professor)¹²

Quando coloco o professor como representante central desse olhar quero considerar antes, aqui, que ele tem um aliado que será importantíssimo no seu devir: A arquitetura, a própria formação do ambiente escolar coopera para que, sem tantos esforços, o

¹⁰ Esse é para Veiga-Neto a condição primeira para o estabelecimento da ordem. A existência do caos então prenunciaria a existência ou a necessidade de uma ordem.

¹¹ Para Foucault esses instrumentos se personificam no olhar Hierárquico, na sanção normatizadora, e no exame.

¹² Como aqui a minha idéia é discutir a Disciplina na Educação trabalharei o olhar hierárquico na perspectiva da Educação, ou seja, o professor. Foucault diz que esse olhar está presente também em outros lugares como por exemplo o olhar do médico, do juiz, do mecânico etc.

professor(gerenciador do ensino)consiga agir com eficácia. Portas largas, birô ao meio, carteiras enfileiradas e silêncios absurdos serão ferramentas nesse itinerário.Toda escola é fabricada seguindo uma linha,essa linha segue padrões disciplinares que atuarão em conjunto com as técnicas de controle que levarão alunos e mestres a serem o que eles são. Por exemplo na minha escola o lugar que os “chefes de disciplina” (esses fazem o trabalho que nas prisões corresponde ao do carcereiro) ocupam são lugares estratégicos:a cada três salas há um chefe de disciplina de modo que durante o intervalo entre uma aula e outra os alunos do colégio inteiro sintam a presença da vigilância. Na hora do recreio todos são dispostos num único e espaçoso lugar de forma que durante seus quinze minutos de liberdade vigiada eles possam ser vistos pelo diretor sentindo-se naquele espaço,vigiados mesmo quando o diretor não ocupa seu posto. O jogo de olhar se inicia. Esse jogo institui poderes, lugares e saberes. Perceba que até mesmo a estrutura arquitetônica da escola trabalha nessa maquinaria. Institui poderes por que determina pelo olhar quem obtém as certezas. Lugares por que institui a cada um funções que quando burladas determinam a ineficiência. Por exemplo o lugar do professor é um lugar sempre de verdades. O do aluno, até de forma a proteger o olhar hierárquico é um lugar de dúvidas. E institui também saberes porque leva os envolvidos às fronteiras e os limites. Existe pré-conceituadamente até onde o aluno pode chegar no entendimento, no discernimento e na ordem.

O poder do olhar do professor está presente à todo momento. Certa vez ao ser abordado por um aluno que questionava a respeito de um determinado não temi em dizer: não faço idéia! Isso gerou uma certa tensão entre nós dois. Em tese era certo que ele conseguiria a resposta desejada, quando isso não aconteceu é como se o brilho de meu poder fosse ofuscado. Em outra oportunidade fui jogar uma partida de futebol com alguns dos meus alunos, numa entrada mais forte senti uma contusão... disparei um grito seguido de um palavrão. Meu aluno disse: que é isso professor, saindo da linha?! Percebi ali como a minha figura por si só representa e traz consigo simbolicamente a parafernália disciplinar. O fato de eu não saber a resposta para uma pergunta ou chamar um palavrão me tira a cartola da eficiência, reduz a força do meu olhar. O olhar hierárquico aqui se dispersa.

Mas quando usado em vigilância esse olhar gera frutos: respeito, obediência, temor, observância. Perceba como é toda uma mecânica do poder que quando executada “corretamente” cumpri objetivos e atinge metas pré-estabelecidas. Há todo um delírio das partes envolvidas em perceber essas práticas como únicas, funcionais e eficientes no agir de uma “boa educação”. Toda esta vigilância hierarquizada é exercida continuamente em todos

os cantos do ambiente escolar, mesmo quando se sabe que não se está sendo vigiado age-se como se estivesse. As verdades que o professor são sacralizadas como tal unicamente pelo reconhecimento deste “olhar total” que tudo vê tudo sabe. Quando o aluno do conto inicial tira cinco, na sua redação a nota não é discutida, justamente porque ela não é discutível. Nisso Foucault alerta:

(...) Se é verdade que a organização da vigilância hierárquica, em forma de poder, lhe dar um chefe é o aparelho inteiro que produz poder.¹³

Não é o “chefe” (o professor) que se encarrega de inventar para si Poder. O próprio aparelho desenha e pinta as bordas desse poder. O mecanismo funciona por si só, então tudo é vigilância: as portas e janelas, as carteiras e a sala, a escola. O professor também é o agente central dessa vigilância, sua diferenciação dos outros mecanismos de vigia está na regência dos eventos.¹⁴

A Normatização

Reunião de pais e mestres:”meu filho esse ano ainda não recebeu nenhuma advertência...estou muito feliz com seu comportamento,é de fato um aluno exemplar”.Para medir o comportamento do filho dessa senhora usufruímos de técnicas arrojadas que o diferencia, ou não,partindo de um padrão que se estabelece logo nos primeiros dias de aulas.Sabe-se rapidamente quem entre os alunos é um aluno bom,um aluno médio e um aluno ruim, com problemas. Sempre se tem uma matriz,um padrão.esse padrão ditará quem está ou não está dentro das normas. Por exemplo. no conto do início,a idéia de levar o aluno para as aulas de reforço, é a idéia de levar o aluno novamente para a norma. Já que a proposta da disciplina é corrigir os desvios (e a palavra desvio aqui cabe muito bem) as aulas de reforço

¹³ FOUCAULT,Michel. In *Vigiar e Punir: A história da Violência nas prisões*. Petrópolis.Vozes.1987.1991. Pág.148.

¹⁴ Em “Vigiar e Punir” percebemos que o olhar hierárquico se mostra ser a peça chave para o funcionamento da maquinaria disciplinar. É ele que gerencia todos os outros instrumentos,e como um maestro faz funcionar à seu prazer o cotidiano da escola.

no final de semana serviria para colocar o aluno novamente no caminho. "... é passível de pena o campo indefinido do não-conforme". Aquilo que foge do normal deve ser penalizado. A pena aqui se torna um sistema operante no processo de treinamento. Ela: compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra ela normaliza. Aparece aqui como instrumento disciplinar o poder da norma. "... a norma se estabelece como princípio de coerção no ensino". Há agora uma necessidade de se homogenizar e suprimir a gradação das diferenças individuais.

Com a normatização a mecânica fica mais completa ainda, pois não é o olhar hierárquico do professor que precisa identificar os desvios da própria disciplina que o faz. Faz e depois de percebido até no intuitivo de trazer para a normalidade o corpo que outrora se distanciou. O olhar hierarquizado somado a sanção normalizadora resulta num sistema de controle que determinava o poder no olhar e a eficácia da sanção que normaliza. Então temos um olhar que vigia e também temos um olhar que normatiza. Todo e qualquer desvio de comportamento na sala de aula deve ser rapidamente solucionado. A menina que sempre faz perguntas que deixam o professor em situações desagradáveis; o aluno que é muito calado e não consegue apresentar seminários com clareza; o rapazinho da segunda fila que se julga o mais inteligente do grupo; a turminha lá de traz que não para de cochichar durante as aulas. Se trabalha com a hipótese de uma classe uniforme e incolor onde corpos se confundem com a paisagem do restante da sala.

Na escola funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagalericice, insolência), do corpo (atitudes "incorretas", gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indescência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações.¹⁵

¹⁵ FOUCAULT, Michel. In *Vigiar e Punir: A história da Violência nas prisões*. Petrópolis. Vozes. 1987, 1991. Pág. 149.

Dessa forma cada indivíduo encontra-se preso numa “universalidade punível-punidora”. Tudo é passível de punição. Na escola, isso é facilmente detectado. Tudo vigia e tudo pune. A norma é então a “régua” do professor, através dela ele separa quem age nos conformes de quem age burlando as regras. Funciona mais ou menos assim: quando se pune se exercita o corpo punido. A punição serve tanto para quem é o sujeito da punição também como pra quem assiste o pequeno espetáculo do punir. Andei fazendo uns testes com alunos do terceiro ano do ensino médio¹⁶ (último ano antes de se chegar a o “Ensino Superior”). Passei um exercício para casa e prometi que corrigiríamos a tarefa no dia seguinte. No outro dia perguntei quem não havia feito o trabalho, quem dizia que não, eu fingia anotar seu nome em minha agenda. Percebi que isso gerou na turma (tanto em quem havia feito o exercício como também naqueles que não haviam feito) uma certa apreensão em torno de meu ato. Na mesma aula fiz outro exercício para casa, no outro dia todos haviam feito a tarefa. Mesmo sem saber ao certo o que eu anotava, há na classe uma preocupação que flutua na possibilidade de estar acontecendo ali um gesto punitivo, dessa forma, num segundo momento a classe inteira caminha em direção a norma. Todos agora fazem parte de um mesmo corpo. Na escola se aprende então observando o castigo e sendo castigado. Perceberemos o sucesso dessas micropenalidades de forma mais visível no resultado ou na junção do olhar hierárquico com as sanções que normatizam: é o Exame.

¹⁶ Atualmente ensino na Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Mins. José Américo de Almeida na cidade de Areia -PB

A prova (o exame)

A prova documenta visivelmente os desvios os diferenciando e os sancionando. É através do exame que a idéia da disciplina se completa. É o fim do espetáculo. O delírio em torno do mecanismo disciplinar é tão grande a ponto do próprio aluno ver e acreditar que aquilo no papel é o resultado de sua aptidão adquirida. Nesse exame a economia disciplinar que é invisível faz de seus afetados uma coisa visível.

“sua iluminação assegura a garra do poder que se exerce sobre ele.”¹⁷

Em outro plano o exame faz com que a individualidade entre no campo documentado: seu resultado é um arquivo inteiro com detalhes e minúcias do corpo examinado. O exame que vigia também sanciona. Destrincha o coletivo e individualiza os corpos através da análise de cada caso. Homens calculáveis é o que a parafernália disciplinar pede. Rege, nesses homens, comportamentos e significados que ao final (do exame) serviram, para entre outras coisas, legitimar o poder exercido sobre eles.

Cada vez mais o mundo moderno almeja circuitos como esses: Homens racionais¹⁸ e calculáveis. Vivemos em espaços de resultados: nota para o vestibular; nota para o concurso público; para passar na avaliação bimestral; nota para cantar no karaokê; espíritos onde se processam subjetividades que estão encharcadas da necessidade de ser adestradas, de resultados, isso é comum, é normal. Como diz Stuart Hall: *“(...) essa normalidade ou normaticidade lhe assegura identidade”¹⁹*. Através dos exames e seus resultados se produz subjetividade e identidade. Lugares para cada resultado. “Os sete e meio são esforços obtidos por alunos mediano sem muito destaque ou brilho”. “Quem se posicionar abaixo de cinco estão fadados ao fracasso”. “

É através do exame que se “conhece os alunos de fato”. Essa frase foi dita por uma professora de biologia de meu colégio e de certa forma desenha a opinião que se configura

¹⁷ FOUCAULT, Michel. In *Vigiar e Punir: A história da Violência nas prisões*. Petrópolis. Vozes. 1987. 1991. Pág. 151.

¹⁸ Esse homem racional pode ser discutido pela definição que o próprio Mundo Moderno traz para ele: Um homem científico e libertado dos dogmas da intolerância.

¹⁹ Stuart Hall. *A Identidade na Pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Souto. 5ª EDIÇÃO. Rio de Janeiro. DP&A, 2001

como comum entre os "mestres" das escolas de hoje. Esse procedimento de se medir o conhecimento através de uma prova incita o estabelecimento de uma "arena de resultados". Nesta, todos nós temos que lutar, nosso inimigo somos nós mesmos, precisamos vencer nossas limitações e obter a melhor média possível só assim perceberão e perceberemos, em nós, indivíduos eficientes. Os resultados dos exames assim acabam por levar sujeitos a ser o que eles são, brilhantes, ofuscados ou desinteressados. Quando falo isso me refiro ao senso comum. Lógico que devemos considerar as exceções: talvez existam alunos que mesmo atravessados por essas técnicas, por esses métodos, por essas engrenagens não se considere o que o exame mostre. Talvez exista.

II CAPÍTULO

Ordem e contra-ordem na formação de identidades

*We don't need no education
We don't need no bord control
No dark sarcasm in the classroom
Teacher leave the kids alone
Hey Teacher leave us kids alone
All in all it's just another brick in
the wall
All in all it's just another brick in
the wall.²⁰*

No início do trabalho dei algumas definições para a palavra Disciplina, entre elas estava uma que diz assim: ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. Vários conceitos entram aqui em jogo: ordem; bom; funcionamento; organização. Creio que todos eles convergem para a um: a contra-disciplina. Já que o culto aos resultados mostra a face da disciplina, acaba por mostrar também que no intuito de organizar, a disciplina também produz e alimenta a desordem ou o caos que se personifica no negativo. É o que Alfredo Veiga-Neto chama de a “episteme da ordem”. Então a ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização é também a “ordem” que inventa o mau funcionamento de uma organização. Talvez entender, ou vislumbrar essa anatomia do detalhe por esses óculos nos ajude a desvendar seu exercício. Tudo isso se encaixa muito bem na pregação da modernidade, que é também a pregação da intolerância à diferença. Mas como essa ordem ou não-ordem inventa sujeitos? Sob quais alicerces estão fundamentadas as categorias de normalidade? Em quais fronteiras nós moramos?

Mas antes de discutirmos onde ficam as fronteiras que limitam o sujeito indisciplinado do sujeito disciplinado quero aqui lançar nossa discussão em outros ares: na formação das

²⁰ *Brick in the Wall* (Pink Floyd, 1981) “Nós não precisamos dessa Educação, não precisamos ser controlados: não queremos esse Sarcasmo da sala de aula; Professores deixem as crianças em paz hei professores deixem as crianças em paz. No final somos sempre mais um tijolo no muro”. Esta música demonstra um certo mal está em relação ao comportamento dos professores na sala de aula. Tiradas as devidas proporções isso é mais um indicativo de um certo olhar que se tem em relação aos professores (gerentes do ensino hoje).

identidades. Como o aluno se torna aquilo que ele é? Como ele chega às conclusões sob suas identidades? O que faz dele um aluno indisciplinado? Ou o que faz dele um aluno disciplinado?

A educação impõe a si mesma o dever de fazer de cada um de nós alguém; alguém com identidade bem definida pelos cânones da normalidade, os cânones que marcam aquilo que deve ser habitual, repetido, reto, em cada um de nós. Se recorrermos ao dicionário, ferramenta fundamental quando se trata de palavras, vemos que identidade significa o fato de ser uma pessoa ou coisa a mesma que se supõem ou se busca; a circunstância de ser uma pessoa a que diz ser²¹ Mas como então nos tornamos alunos eficientes/disciplinados ou alunos ineficientes/indisciplinados? Saber como se efetua a partilha entre mundos normais e mundos anormais, constitui todo um problema. Compreende-se que ela (a identidade) nunca exprimirá uma lei da Natureza tão só pode formular a pura relação do grupo consigo mesmo. Nessa relação é mais importante identificarmos o lugar do anormal, já que é esse, que em seu aparecimento, institui o lugar avesso, o da normalidade.

O lugar do indisciplinado na educação serve ao mesmo tempo para normatizar e implica em relação de poder já que a ordem agredida, pela não normalidade, legitima um lugar seguro e bom, o da normalidade. Dessa forma identidades são formadas. Pois o diferente teima em não se manter dentro dos limites nítidos precisos, com os quais o iluminismo⁽¹⁸⁾ sonhou geometrizar o mundo. O diferente, o anormal ou melhor (no nosso caso) o indisciplinado entendido como desviante e instável, estranho e efêmero, não se submete a repetição mas recoloca, a todo momento, o risco do caos, o perigo da queda impedindo que o sujeito da educação moderna se pacifique e encontre um lugar, um porto seguro. Nesse contexto o efêmero, o diferente se caracteriza por (quando ameaçando o normal) criar seu lugar e o do outro. Segundo Veiga-Neto:

(...)a escola é o locus em que se dá de forma mais profunda e mais duradoura a conexão entre poder e saber na Modernidade. é por causa disso que ela é capaz de fazer tão bem a articulação entre Razão de estado e o deslocamento de práticas pastorais (para as tecnologias do eu), funcionando, assim, como uma máquina de governamentalização que consegue ser mais poderosa e ampla do que a prisão, o manicômio, o quartel, o hospital.²²

²¹ Essa discussão também faz parte do texto "Incluir para excluir" de Alfredo Veiga-Neto

²² VEIGA-NETO, Alfredo. *Incluir para Excluir*. In LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos (orgs). *Habitantes de Babel: Políticas e poética da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica. 1995, 2000a, 2000b.

Todas as práticas disciplinares(nessa tecnologia do eu)dentro da escola, fazem com que apareçam mais latentemente toda sorte de classificação: aluno desinteressado, disperso, ineficiente, retardado etc. Certa vez na reunião que discutimos as diretrizes a serem tomadas para o início do ano letivo uma antiga diretora do colégio pensando, talvez,em solucionar o problema da falta de notas para alguns alunos, principalmente relacionados a quinta série do ensino fundamental, disse: “Como nos comportaremos em relação aos alunos que se mostram ter problemas de retardo,desorganização ou de ineficiência. Eu digo isso por que todos nós sabemos que eles se configuram num problema de difícil resolução para a instituição”. Todas as nomeclaturas utilizadas pela diretora ao se referir aos alunos com dificuldades da quinta série demonstra claramente que existe muito bem definido o que é e o que não é normal. O que quero enfatizar aqui é que fabricando esses lugares a disciplina se estabelece como um “refúgio para o normal”. Como já foi dito a des-ordem é condição primeira para o aparecimento da ordem. O pensamento moderno nos leva a uma “vontade de ordem” no querer que as identidades chamadas de desviadas se incluam ou se aproximem do “outro” naquilo que Alfredo Veiga-Neto chama de “operações de ordenamento”A ordem e a contra-ordem,então,dialogam numa relação(criação) de poder.

Quem então seria o ‘disciplinado’ nessa tecnologia?Seria aquele que se apresenta sempre como um aluno brilhante?Talvez esse se coloque num lugar de indisciplina. Como todos os diferentes este representa um lugar da não ordem e conseqüentemente requer cuidados. Sua posição de brilho pode ,por vezes,em flaches,ameaçar o lugar repleto de saberes do mestre.Não,pois esse rapidamente ,usufruindo de instrumentos como, por exemplo, o olhar hierárquico o coloca em “ordem” e restabelece a norma se protegendo contra a anomalia eminente que por vezes ameaça seu mundo.Talvez não apenas os “destituídos de eficiência” sejam detectados e alcançados por essa microfísica quem sabe os ‘por demais sabidos’representem perigo a todo esse mecanismo.”Detectado alguma diferença se estabelece um estranhamento” seguido de uma oposição que o leva uma operação de ordenamento. Não apenas o ineficiente é contra a ordem. O excesso de ordem também é um risco.

Mas então que seria o disciplinado aqui? Talvez não o eficiente e sim aquele que consegue sintonizar seus desejos com os desejos do disciplinador,ou com o desejo dos” outros”. Quem consegue viver num organismo sem permitir que seu mundo transborde no mundo dos outros,suportando as regras imposta pela disciplina,muitas vezes reprimindo seus conceitos e quererres talvez se aproxime da meta. É como se toda essa engrenagem produzisse

uma ‘caixa’ para cada sujeito,alguns cabem outros não. Os que cabem se acomodam sem muito atrito ou dor. Os que não, sofrem com o contato, com o atrito que seria aqui personificadas ou representadas pela normatização.

Então conversemos um pouco sobre aqueles que não cabem dentro das caixas de classificações .Esse deve ser analisado com cuidado²³Foucault diz que esse grupo ao qual denominamos hoje de anormais formou-se a partir do surgimento,no séc. XVIII,de um novo elemento que nem o direito nem as Disciplinas conheciam: a população²⁴ Os novos saberes que vão tratar desse novo elemento são saberes que se dispersam e tratam principalmente da relação entre os sujeitos dessa população e começa então uma nova maneira de se fazer política que Foucault vai chamar de biopolítica e um novo tipo de poder ao qual ele denomina biopoder²⁵ . Os saberes psiquiátricos que a tempos se preocupavam em entender o louco e o que poderia fazer com sua loucura começa a partir do século XVIII a se estender mais além.

“um conjunto de conduta que até então não tinham recebido senão um estatuto moral.disciplinar ou judiciário-como a indisciplina,agitação,a indocilidade,a rebeldia-passa a ser cada vez mais capturado pela psiquiatria”²⁶

A partir daí as anomalias podem ser tratadas tanto clinicamente como judicialmente. São saberes que cruzam a doença e o crime. É necessário pensar que a partir do séc. XVIII a indisciplina e a rebeldia vão ser vistas quase que como doenças,doenças morais. Nisso precisa-se de cura. Seu tratamento partirá de um pré estabelecimento de uma imagem para “o normal”, o que fugir a essa imagem se distancia da norma. O menino do conto do início foge dessa norma e acaba sendo enquadrado como uma pessoa anormal. Daí todo o desenvolvimento de técnicas para lidar com esses anormais,para levá-los de volta a sua ordenação. O anormal (o indisciplinado) agora identificado (quase que clinicamente) é apenas mais um caso,sempre previsto pela norma.

²³ Esses (os anormais) são a chave para o entendimento dos saberes e dos lugares que são inventados para os grupos que são tidos como tal.

²⁴ A população-essa novidade enquanto problema ao mesmo tempo científico(da ordem da vida) e político(da ordem do poder)-passa ,a partir do século XVIII, a se constituir como um novo corpo. um corpo composto por muitas cabeças.

²⁵ FOUCAULT.Michel. Microfísica do Poder.Rio de Janeiro:Graal.1979.

²⁶ _____. In *Vigiar e Punir: A história da Violência nas prisões*. Petrópolis.Vozes.1987,1991. Pág.190.

Sua identidade é reconhecida facilmente, já que foi a própria norma que lhe concedeu tais atributos. Um aluno na aula de reforço, por exemplo, é reconhecido como um aluno desatencioso, sem disciplina, que requer atenção, cuidados extras. Nisso toda uma série de credenciais se gestam em sua volta de tal forma que mesmo em conflito ele acaba por interiorizar já que tudo aquilo faz, de certa forma, parte do único organismo de educação que ele conhece, tudo aquilo acaba por se tornar "natural", comum.

O que é normal ou o que é anormal acaba por ser determinado pela técnica quase científica da Norma. As identidades são formadas por essas normas, ou melhor, por esses lugares aos quais as normas nos levam. Na educação a disciplina representa esse papel: preparar o terreno para a implantação de um saber. É como se nós não estivéssemos preparados para sermos educados, ou como se para sermos educados precisássemos ser antes disciplinados. Na pré-escola somos "programados para aprender" e ao mesmo tempo somos programados para obedecer. Somos apresentados ali ao nosso mas novo companheiro de turma: O olhar que vigia, esse nos acompanhará durante todo nosso longo caminho em direção a sabedoria. Ele dirá nas horas de dúvidas o caminho a ser seguido. Eles serão dois: a ordem e a não-ordem. Todos os dois serão regidos pela disciplina, que dará dependendo da escolha uma fisionomia ao sujeito. Um dia na sala de aula um rapaz que não sabia absolutamente nada a respeito de uma sugestão para uma redação sobre o nascimento da República no Brasil me disse: "professor, tem algum problema se eu não fizer essa redação e deixar pra fazer a recuperação que (provavelmente teria que ser feita no estilo certo ou errado)? Curioso eu perguntei qual era a dificuldade dele em relação a aquela avaliação. Depois de um pouco de hesitação ele me disse que nunca se deu muito bem em redações e que um certo professor, certa vez, tinha esboçado um ar de riso ao ler em público sua redação. O delírio em torno do olhar hierárquico é tão poderoso que em todos os instantes da educação forma ou deforma o aluno. Responsabilizemos aqui também esse olhar pela transformação daquilo que mais tarde ele próprio vai denominar de anormal. Isso foge um pouco a discussão que viamos fazendo nesse capítulo mas ao mesmo tempo a retoma demonstrando como não só a vigilância do olhar inaugura "anormais" mas também sua irresponsabilidade (anormalidade) incita a "anomalia".

-III CAPÍTULO-

O Reflexo no espelho: que educação é essa?

Na segunda parte deste trabalho havia mencionado a figura do espelho. Ali me referia a respeito de um reflexo que fazia de nós, indivíduos, algo talvez que não tivemos oportunidade de escolher, se queríamos ou não ser (ou ter) aquela forma. Gostaria de retomar a idéia do reflexo no espelho agora nessa última parte de meu texto, para falar de como, depois de atravessar todos esses procedimentos, chegamos ao outro lado. Falar justamente de “resultado” dessa educação disciplinar. O que fizemos (ou deixamos que fizessem) de nós mesmos? Que tipo de sujeito educado eu me tornei ?

Vimos que desde o nosso primeiro contato com as letras somos colocados dentro de uma arrojada rede de regência que nos esquadrinha no intuito de arrancar de nós forças que nem nós mesmos sabíamos que tínhamos. É a disciplina que agindo no governo dos nossos corpos nos divide, nos soma e nos multiplica para um “melhor aproveitamento” de nossas potencialidades. As intenções desse aparato já foi por nós discutida e analisada. Então nos prendamos agora a um assunto da mais alta importância, ate mesmo para a disciplina:” o resultado.”

O ESPELHO

Espaços vazios, silêncios estranhos, a escola está sem ninguém. Vazia, a escola esconde suas intenções. Quando cheia, percebe-se em todos os seus cantos e barulhos sua proposta: transformar ali uma massa sem forma e vazia num ideal de ser humano²⁷. Como se pensar, como se comportar, como se mostrar ser, como ser. Os espelhos estão por todas as partes, de vez em quando passamos em sua frente e nos percebemos... muitas vezes o reflexo que vemos não corresponde ao desejado, então rapidamente devemos nos enquadrar. Na escola esses espelhos aos quais me refiro são os “Mestres”. Os professores. Eles têm uma

²⁷ Esse ideal ainda é regido por aqueles preceitos que o Mundo Moderno inaugurou: René descartes define esse homem em duas substâncias: mente e matéria. John Lock se refere a reprodução do indivíduo soberano e individual

função muito mais importante do que transmitir conhecimentos, lá dentro devem transmitir uma imagem: um ser comedido, respeitador, educado, inteligente, Disciplinado. São eles os responsáveis pelo “resultado final”. Que responsabilidade temos em nossos ombros: ser muitas vezes o que nunca pensamos ser (nesse caso manter diariamente uma fantasia pesadíssima às custas de uma provável emancipação de nosso discípulo). Dessa forma a escola elege os ideais. Aquilo que deve ser imitado: somos nós professores. Para a escola é perigoso que um espelho, seja ele de que disciplina for, esteja trincado, pois ele pode deformar a imagem do aluno que por ele se espelha. Todos então acompanham a “dança das disciplinas” a tal passo que qualquer saidinha de linha do professor (espelho) é rapidamente notada pelos alunos, que mesmo cochilando, acordam pra ver o espelho trincar.

O que estou querendo mostrar com essa metáfora do espelho é que temos uma função muito bem delineada lá dentro dos muros escolares: devemos ser exemplos constantes, e ao vivo, de virtudes e de bons costumes. Em caso contrário seremos enquadrados nas velhas normas por nós já discutidas. Tudo que está a nossa volta (inclusive os funcionários) deve ser reflexo de nossa atuação. Os alunos são de certa forma mini-professores sentados nas carteiras, falam e se comportam como tal. Percebi isso dando minhas aulas sem se preocupar em usar termos que estivessem muito longe de seus cotidianos. Ao apresentar um seminário meninos da turma se comunicavam sem usar termos formais no uso do discurso. Talvez um reflexo daquilo que eu fazia nas minhas aulas.

Os perigos do espelho são justamente as trincas que denunciam, entre outras, que ele pode quebrar ou que mesmo ele sendo um espelho pelo qual vejo minha imagem, percebo defeitos e imperfeições em sua estrutura. Geralmente nós “agentes da disciplinarização” impomos ao aluno que ele reflita essa nossa imagem. Não importa se ela apareça distorcida, o que queremos é, de uma forma ou de outra, ver-nos naquele corpo que por nós é moldado. O problema é que muitas vezes o corpo que passa pela disciplina não que fazer parte do colorido daquele reflexo. Daí a resistência. Alunos se recusam a se comportar dentro dos padrões pré-estabelecidos..o que fazer? Aumentar a dose de forma a conseguir daquele corpo uma resposta positiva ao estímulo. Quando um aluno, ao final do ensino médio, se recusa a continuar seus estudos ele representa para a educação a contra-ordem do ensino. Mesmo que ele aspire outras saídas ele foge da idéia primária de ser e ter as características que se assemelhe a do educador: homens organizados e inteligentes.

Ou talvez o reflexo que eles vêem através do espelho que é por demais idealizado e se torna difícil alguém alcançar. Quando se descobre isso determina-se a resistência. Dentro da

escola vemos esse ideal de humano andar pra lá e para cá com livros debaixo dos braços e muitas vezes admiramos também, outras vezes não. Ninguém nos perguntou se estávamos dispostos a lutar por aquele ideal. O que gera a tensão é o próprio espelho e num segundo momento o reflexo que vemos sair dele.

A educação

Trabalho em minha escola com turmas de alunos do terceiro ano do ensino médio, última etapa dessa fase da educação. No final do ano de 2002 perguntei a cinco alunos como eles se sentiam ao terminar essa etapa de seus estudos. Três deles me responderam que estavam (ou se sentiam) preparados para enfrentar uma universidade ou mesmo o mercado de trabalho. Os outros dois não souberam (ou se inibiram) responder. Bem, consideremos então a resposta dos três que se sentiam preparados. A esses três perguntei: o que eles entendiam por “estar ou não preparados”, um deles me disse: “acredito que estou pronto para enfrentar qualquer concurso, se for para uma faculdade me considero preparado, se for para um emprego também”. Tornei a perguntar porque ele tinha esse sentimento, e ele me disse: “em todas as matérias me dei bem esse ano... desde a sua (História) até os cálculos do professor de matemática. Nesse momento temos um material preciosíssimo a ser cuidadosamente analisado. Considerando que no dicionário a palavra “educação” quer dizer entre outras coisas: trabalho sistematizado, seletivo e orientador, pelo qual nos ajustamos à vida, de acordo com as necessidades, idéias e propósitos dominantes; o menino da resposta a cima, está ou se enquadra muito bem aqui.

Confrontando as duas realidades (a resposta do menino e a definição do dicionário para educação) algo de estranho me veio em mente. Em nenhuma das duas respostas há ou está em jogo uma necessidade de se imaginar, ou se saber, pelo menos em um ensaio, aquilo que nós representamos para o presente. Nossa possibilidade emancipatória (“onde estamos? Onde poderemos ir no futuro?”) pela qual os pensadores mais importantes da atualidade escrevem livros (Foucault, Derrida, Deleuze) pareceram naquele momento estranho, se perder num sussurro nostálgico de aprendizado. Algo mais estranho me veio em mente: será que formulei para mim um conceito diferenciado de educação? Algo que se desprendesse das técnicas de absorção de conhecimento? Naquele momento foi como se eu, por tempos tivesse trazido um estranho do meu lado que pensava conhece-lo.

Então a educação afinal é esse aglomerado de respostas que trazemos em nossa memória? Acho melhor pensar um pouco mais. Em outra experiência, agora na Prática do Ensino (oferecida no curso de História)²⁸ que me fez pensar também no “resultado final” dessa educação. Lá oferecemos aulas que seriam dadas pelos formandos a alunos que estariam concluindo o ensino médio. Essas aulas seriam diferenciadas: o assunto seria exposto tendo como ponto de partida eixos-temáticos para cada divisão periódica da História. Na minha aula sobre Pré-História percebi logo de início uma certa inquietação dos alunos a respeito da metodologia utilizada. As aulas funcionavam como seminários, neles abordávamos aspectos, por exemplo da Pré-História de forma diferente da que os livros didáticos abordam. A inquietação dos alunos se dava pelo fato de todos ali estarem se preparando para um vestibular e esperarem respostas e dicas (os famosos “bizus”) que viessem a facilitar sua prova ao final da aula conversando com a professora que nos orientou na aula ouvi essa frase: “precisamos lutar para que a estrutura do concurso vestibular mude, só assim essas aulas que nos propomos a dar terão mais sentido para eles”.

A minha observação agora se coloca na frente do próprio conceito de “educação assistida”. O que nós ensinamos na “escola das disciplinas”? Todo aquele aparato de regras e normas transforma o aluno em quê? A definição do dicionário está perfeitamente intencionada ao conceito que o meu aluno tinha de “educação”. Não se aprende por que se é alguém. Se aprende para se tornar “alguém”. Somos colocados na escola para que ao final nos transformemos naquilo que a sociedade pré-determinou: um “ser educado”, só que esse conceito está intimamente relacionado a seu tendo e supre necessidades mínimas, e entendimento do eu. Se estuda para se ter dinheiro, para se ter emprego.. para ser alguém. É como se o próprio conceito de educação servisse aos prazeres da disciplina. “Precisamos mudar o vestibular para se mudar a educação”. Na verdade somos ou nos tornamos reféns das práticas disciplinares. Só podemos ser aquilo que ela nos propõe, não podemos mudar o reflexo no espelho.

Quando ingressei na Academia em 1998 tentava dar vazão a minha insatisfação com o mundo participando de um ambiente onde pessoas pensassem mais ou menos como eu. Aqui dentro, encontrei pessoas que pelejavam com as mais diversas visões de mundo. Logo de

²⁸ No último semestre do curso de História paguei a disciplina Prática de Ensino em História com a professora Eronides Câmara Donato, onde pude, junto com uma colega de faculdade minha (Genilda Amorim), dar aulas em forma de seminários temáticos. Lá nós abordamos a Pré-história como um período pensado pelos “modernos”, considerando isso temos uma Pré-História repleta de nomenclaturas e conceitos que muitas vezes cria para ela um lugar “menor” do que os outros períodos da História.

início não consegui me perceber inserido em todas aquelas teorias, nenhuma parecia, ou mesmo se aproximava de meu “pequeno estranho mundo”. Mas quando me acomodei em meu assento comecei a pensar sobre a minha presença ali. E isso era sério. Cursava uma universidade e precisava entender agora seu sentido. Como nunca me adequiei muito às regras quando, fui reprovado no segundo semestre em uma disciplina do curso e questioneei tal reprovação. Daí em diante comecei a observar as estratégias e armadilhas da disciplina na Universidade. Como só depois de algum tempo comecei a ensinar no estado, foi a universidade meu primeiro campo de pesquisa. Eu pude perceber (hoje numa tentativa de distanciamento) que as técnicas de adestramento na universidade se travesti e trabalham, não mas no silêncio, pois já se sabe de suas intencionalidades lá dentro, mas no escuro porque dificilmente nós as percebemos. Ela de fato se movimenta numa fusão entre o olhar hierárquico e a sanção normatizadora, é o exame. ‘Precisamos chegar cedo na sala para não perdermos a explicação’, o silêncio é imprescindível para o bom funcionamento de nossos sentidos’

Aqui tive impressão que ela (a Disciplina na relação com os corpos) se dispersa, se fragmenta; não se sabe muito bem quem é o responsável pela administração dos nossos corpos. Tudo é meio descentralizado. Mas se é assim que se vigia e se mantém a ordem? Teoricamente quando chegamos na universidade já “sabemos o que queremos”, e para alcançar aquilo que queremos precisamos passar nos exames e pagar as disciplinas. Nisso não podemos chegar atrasados na sala de aula, devemos conversar para não perdermos a atenção. É o exame quem nos rege. Não quero dizer que dentro da Universidade o olhar hierárquico e a normatização não estão presentes. Estão, só que de uma forma mais reduzida e mais fragmentados. “Para sermos alguém na vida não podemos ser relapsos”, devemos ser eficientes, de certa forma encontramos “identidades feitas” esperando por nós na universidade, uma delas é aquela do aluno interessado que pretende rápido, terminar o curso e partir para o mercado de trabalho, esse dificilmente trará problemas para o professor.

Em todos os cantos da universidade também se pode perceber a disciplina. Em alguns professores, por vezes esquecemos que estamos sendo vigiados. Mas esses ainda são a minoria, infelizmente. A minha experiência na Academia com a Disciplina passa pela pergunta inicial: o que estamos ajudando a fazer de nós mesmos? Pois é nessa pergunta que encontro um sentido para meu curso. Saber o que estou ajudando a fazer de mim mesmo, talvez represente aquilo de mais importante para um Educador. Me perceber como produto de técnicas que eu mesmo ajudei a funcionar me dará pistas para saber o que posso fazer pra não

continuar agindo ou deixando que ajam . Antes de ser um educador dentro dessa Educação que estar imposta queria ser um pensador à discuti-la, a problematiza-la. Sugerir saídas para essa Educação me anima muito mais, do que só ser mero personagem de seu espetáculo. Propostas novas que coloquem em xeque todo esse sistema devem ser consideradas e discutidas no sentido de evidenciar uma outra educação possível.

Tal como em Nietzsche não se deve ir atrás do “fazedor”, mas apenas do “fazer” e do “feito”. Nenhum ponto fixo, nenhuma substância, nenhuma essência, nenhuma origem, nenhum centro, como diz Tomaz Tadeu da Silva. Se desconsideramos o dicionário, se desconsiderarmos o que temos hoje por educação (aglomeração de conceitos e respostas impensadas sobre o sujeito e sobre o objeto) talvez não tenhamos mais nada e então poderemos reinventar a educação. Uma educação que não nos teste tanto, e que ao contrário, se permita ser testada. Percebo nos meus alunos que eles (alguns) se interessam sobre saber o que faz deles aquilo que eles são, querem saber mais do que os limites da disciplina permite. Mas também percebo seus cansaços e seus silêncios quando percebem que o mundo moderno até permite vãos mais não os valida. Pois para um mundo de resultados, de rápidos resultados, parece não haver tempo para se descobrir outros saberes.

Toda vez que na sala de aula insisto num pensamento a mais sobre qualquer assunto, percebo a máquina emperrando. Isso acontece talvez pelo fato de que não está previsto nos procedimentos disciplinares um pensamento descomprometido com resultados. O olhar hierárquico (que me pertence na sala de aula mesmo nos momentos em que me abstenho de sua companhia), a norma (que é tão presente em nossas vidas dentro e fora da escola) e o exame (pai de toda classificação) somados à arquitetura projetada para vigiar e a todas “as armadilhas outras” das “disciplinas” são os responsáveis pela educação que recebemos hoje. Não os concursos (porque estes fazem parte dessa máquina disciplinar também), nem o mercado de trabalho (uma verdadeira “cidade de Deus” que nos espera com suas felicidades) mas o aparato disciplinar que nos rodeia e nos habita nos faz e nos dá educação. Uma educação comprometida com a métrica, com os olhares, com a moral. Uma moral que se transforma também em norma e pura todo dia que será pra sempre.

É a normatização do saber que só é saber se antes atravessar um pântano de técnicas e procedimentos que do outro lado verde pelo musgo da disciplina, nos promete emancipar.

BIBLIOGRAFIA

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes do fazer*. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: A história da violência nas Prisões*. Petrópolis. Vozes. 1987/1991.
- _____. *A microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. Ed. Atual. 1998.
- GILLES, Deleuze & GUATARRI, Félix. *O Que é filosofia?*. Trad. Bento Prado jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Souto. 5ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel – políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- Os Pensadores. *Friedrich Nietzsche*. Abril Cultural. Editor: Victor Civita. 1974.
- PORTO CARRERO, Vera. Branco, G. Castelo. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2000.
- RAGO, Margareth. ORLANDI, Luis B. Lacerda. VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nitzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Pedagogia dos Monstros – O prazer e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.